

Barbara

DISCO MUNDIAL

1
ESC.



— Que maçada! Está uma pessoa há tanto tempo pronta para sair, e não há meio de chegar o motorista...

Director (interino) e proprietário: *Jerónimo Pinteus de Sousa*
 Editor (interino): *José Roussado Pinto*
 Redactor Principal: *Fernando dos Santos (Santos Fernando)*
 Redacção e Administração: *Rua de Sant'Ana 4 Lapa, 15*
 Composição e impressão: *Edições «O Mosquito», Lda.*
 Distribuidor geral: *Editorial Organizações, Lda., Largo Trindade Coelho, 9, 2.º — Telefone 27507 — LISBOA*

DE FUNDO

EMOS a pedir desculpa aos nossos leitores das desagradáveis atrasos que temos tido com a saída do nosso RISO. Ou avaria nas máquinas, ou em carregamento de papel que não chegou ou mais mil e uma coisas que surgem pela proa — de bombordo para estibordo — são as causas dos supracitados atrasos aborrecidos para nós, aborrecidos para vós e aborrecidos para eles!

Como os nossos leitores já nos desculparam vamos falar amigavelmente.

Dentro em breve — ou brevemente — dentro do RISO o leitor encontrará a maior novidade que pode imaginar. Uma equipa de desenhadores e redactores está a trabalhar afanosamente para se fazer mais e melhor. RISO MUNDIAL não falha os seus cálculos e, nas medidas do possível, procura levar ao leitor um momento de optimismo e boa disposição. Que o humorismo não traduz: graça forçada, arrancada a ferros, ideias sem nexos ou opiniões pouco limpas! O humorismo é apenas a boa disposição e deve ser feito com graça natural que pode não fazer rir tanto mas pelo menos é mais puro. E' esse que procuramos fazer, dia a dia. Até chegarmos ao humorismo puro ainda falta um pedaço mas pode o leitor crer que para lá caminhamos.

Não é desatar o cinto, colocar as mãos no ventre e desatar a rir á gargalhada. E' estar bem disposto, de sorriso nos lábios não pensar nas agruras da vida.

Isto é que é o humorismo. Saude e... Saramago.



— E' possante o seu trator?
 — Eu julgo que sim, trabalha a vinte bois a vapor.



A esposa: Se eu fosse passar um mês á praia, pensaria sempre em ti.
 O marido: Prefiro que fiques aqui, pensando nos banhos do mar.

O Zé dos Pavões

veio a Lisboa

NA risonha vila de Payões tudo era paz e sossego. A' noitinha, toda a rapaziada se reunia no Café Monumental. Eram o Manel d'Alasca, o Toino d'Azeda, o Bento Carrapanha e tantos outros, que procuravam o Café para saber as ultimas novidades ou comentar os ultimos acontecimentos.

O primeiro a falar era quase sempre o Bento Carrapanha, o unico que sabia contar até 20 e que por isso era justamente apelidado de o Rei de Pavões.

— Sabem a grande novidade? — pergunta o Bento Carrapanha verdadeiramente entusiasmado.

— Não — respondem todos — o que foi que aconteceu?

— Uma verdadeira bomba que rebenta! — afirma o Bento Carrapanha.

— Já sei, — interrompe o Toino d'Azeda, cuspiendo fora uma beata que conservava teimosamente ao canto da boca — vais-te casar com a Lecas dos Agriões.

— Nada disso, exclama o Rei dos Pavões — amanhã vou para Lisboa.

— Anh! Para Lisboa? — interrogam todos.

— Olarila. O Zé da Tenda mandou-me dizer que no domingo havia lá «Futebola internacional» e eu quero ir ver aquilo!

— Tás cheio de sorte, pá, — afirma o Manel d'Alasca, fechando por fim a boca, que conservava aberta desde que principiara a conversa.

E a cavaqueira lá continuou, sempre sobre o mesmo assunto, que iria pôr a terra em alvoroço.

Manhã alta, já o Bento Carrapanha andava de mala na mão, fatiota domingueira e botas engraxadas percorrendo uma a uma todas as casas conhecidas, num entusiasmo louco que atingiu o auge quando o acompanhamento se dirigiu para a Estação de Caminho de Ferro. Houve discursos e conselhos dos mais velhos e o Manel d'Alasca ainda lhe segredou entre lágrimas:

— Não te esqueças de andar na vertical!...

Ao fim de longas horas de combóio o Bento Carrapanha chegou a Lisboa. Ficou admirado. Olhou em redor e não conheceu ninguém. Esteve para voltar no mesmo comboio, mas que diria a Rita dos Agriões, que lhe confiara um

bocadito da renda da camisa para que a sorte o acompanhasse!...

reuniu numa das mãos todos os papéis que rebuscara num bolso e dirigiu-se ao primeiro polícia que encontrou:

— O' seu guarda sabe-me dizer onde mora aqui o Zé da Tenda lá da minha terra?

— Eu sei lá onde é a sua terra...

— Então, se fizesse favorzinho, via-me aqui nestes papelinhos?

o guarda começou a ler em voz alta:

— Um par de meias... 8\$00.

— Isso não é.

— Uma saca de «assulta-to»...

— 'tamém não é.

— Ah! Cá 'stá — exclamou o polícia —. Zé da Tenda, R. do Campo Grande, 1001-1.º.

— Obrigadinho, seu guarda, e diga cá: isso fica muito longe?

— Fica — esclarece o guarda —; você apanha ali um carro que diga «Campo 28 de Maio», e sai mesmo ao fim.

Depois de muitas hesitações o nosso homem conseguiu saltar para um «eléctrico», não sem ter ouvido vários apitos que o faziam voltar para trás, para só atravessar quando um homem de capacete branco, e que ele nunca tinha visto, assim ordenava. Encolheu-se a um canto, envergonhado da sua modéstia, enquanto o condutor mal humorado procedia á respectiva cobrança.

— Dê-me um bilhete para o Marquês de Pombal — pediu um passageiro ao seu lado.

— Duque de Saldanha — pediu outro.

Bento Carrapanha, encolhido no seu lugar, pensava com os seus botões:

— Onde eu vou metido! Tudo Duques e Marqueses; se o condutor sabe quem eu sou, é capaz de me mandar embora. Mas...

Não terminou o seu raciocínio, porque o condutor, gritando junto dele, o fez dar um salto de susto.

— O senhor? — pergunta o condutor, carrancudo.

— Dê-me um para o Rei de Pavões, se faz favor.

— Não sei onde fica — exclama o condutor.

— Fico na casa do Zé da Tenda lá da minha terra.

Reservada

APONTAMENTOS DE CRÍTICA POR ROUSSADO PINTO



PERDIGÃO QUEIROGA TAMBÉM SOUBE CANTAR O FADO

Depois dos «Três Espelhos» a Lisboa Filme dá-nos «Fado» (a história duma cantadeira), que se firma sólidamente na vanguarda de tudo quanto se tem feito dentro do Cinema Nacional. E, temos assim o exemplo de que uma empresa bem organizada, quer seja grande ou pequena, pode produzir em melhores condições, dentro dum âmbito regular, e apresentar obras, embora comerciais, relativamente artísticas. Lamentamos, depois destas duas boas provas, que os dirigentes da Lisboa-Filme pensem deixar de produzir...

O «Fado» é, sob o ponto de vista cinematográfico, o melhor filme que saiu dos nossos estúdios. Deve-se a Perdigão

Queiroga, realizador, montador e planificador, que, com a experiência de 14 anos de trabalho e aproveitamento, conseguiu realizar no nosso país uma obra de «bom» cinema. Não vamos ao excesso do «puro», pois, mesmo dentro da realização, nalguns momentos, encontramos defeitos. Detendo-se com verdadeiro sentido perante certos pormenores (como o da lata, ao sair da taberna; o do ensaio, que transformou pela sequência que lhe imprimiu, na melhor cena da película) mostra-nos que nem só as figuras principais do elenco merecem atenção. Há uns «porquês» em volta, que podem valorizar e acentuar a mão do realizador.

Pena é, que não tenha tratado com mais cuidado a cena de preparação para o desastre da Luizinha. Surge repentinamente o barril a rebolar pela calçada, tendo a camara no ultimo momento ido buscar esse acessório que se impõe ao publico de forma a não convencer. Para que o desastre se viesse a dar, com naturalidade, a plateia devia estar familiarizada com a camionete, barris e descarregadores. E isso tinha-se conseguido quando a Ana Maria por lá passou. Dos dois ou três defeitos mais graves, este pareceu-me ser o unico a frizar.

Armando Vieira Pinto, que assina o argumento, deu-nos um trabalho bem estudado, fora do sentido, entre nós tão vulgar, do «populacho». A história interessa a todas as camadas de publico e prende no decorrer. Só reparámos que no desenvolvimento dos diálogos há uma pequena diferença de estilo, que nos dá a ideia de ter sido mais de uma pessoa a fazê-los. A pequena observação á «crítica» é justa e sincera, embora contra nós escrevamos, mas o que é — é mesmo...

Sobre a interpretação, destacamos a Amália, porquanto nunca a julgámos tão artista. A naturalidade que dá a Ana Maria (e aqui nota-se o que é um realizador competente) insufla-se de tal modo no íntimo do espectador, que o faz pas-

sar por todas as reacções da personagem. Virgílio Teixeira dá-nos o seu melhor trabalho, afirmando-se artista sóbrio, de raras qualidades. António Silva e Vasco Santana em mais dois tipos populares. Nenita Queiroga, a revelação deste filme, no difícil papel que lhe destinaram, demonstrou possuir sensibilidade artística, que convinha cultivar. Armando Ferreira, no «cínico», deu vida real ao personagem e em nada exagerou. E não era nada fácil. Os outros cumpriram, não destoando o conjunto. Citamos: Tony D'Algy, Raul Carvalho, Eugénio Salvador, José Vitor, Emília Vilas, Alda Aguiar, António Palma, Henrique Santana, Luis Filipe, Emilio Correia, Reginaldo Duarte, Jaime Zenóglio, Pestana de Amorim, Carlos Veloso e João Nazaré.

Boa fotografia, talvez a melhor em filmes portugueses, de Francisco Izarely; artísticas decorações de Mário Costa; e optimo som de Henrique Dominguez. Musica pouco popular de Frederico de Freitas nos fados e de Jaime Mendes nos fundos, com bom aproveitamento.

Completam o programa dois documentários: um sobre a linha férrea que liga o Transvaal á colónia portuguesa de Moçambique; outro, sobre as Escolas de Graduados da Moçambique Portuguesa.

ROUSSADO PINTO



AMÁLIA RODRIGUES

LISBOA FILME APRESENTA

no TRINDADE

3 Sessões às 15 h., 17,30 e 21,30

« F A D O »

(HISTÓRIA DUMA CANTADEIRA)

com

AMÁLIA RODRIGUES

VERGILIO TEIXEIRA

VASCO SANTANA

e ANTÓNIO SILVA



VIRGILIO TEIXEIRA

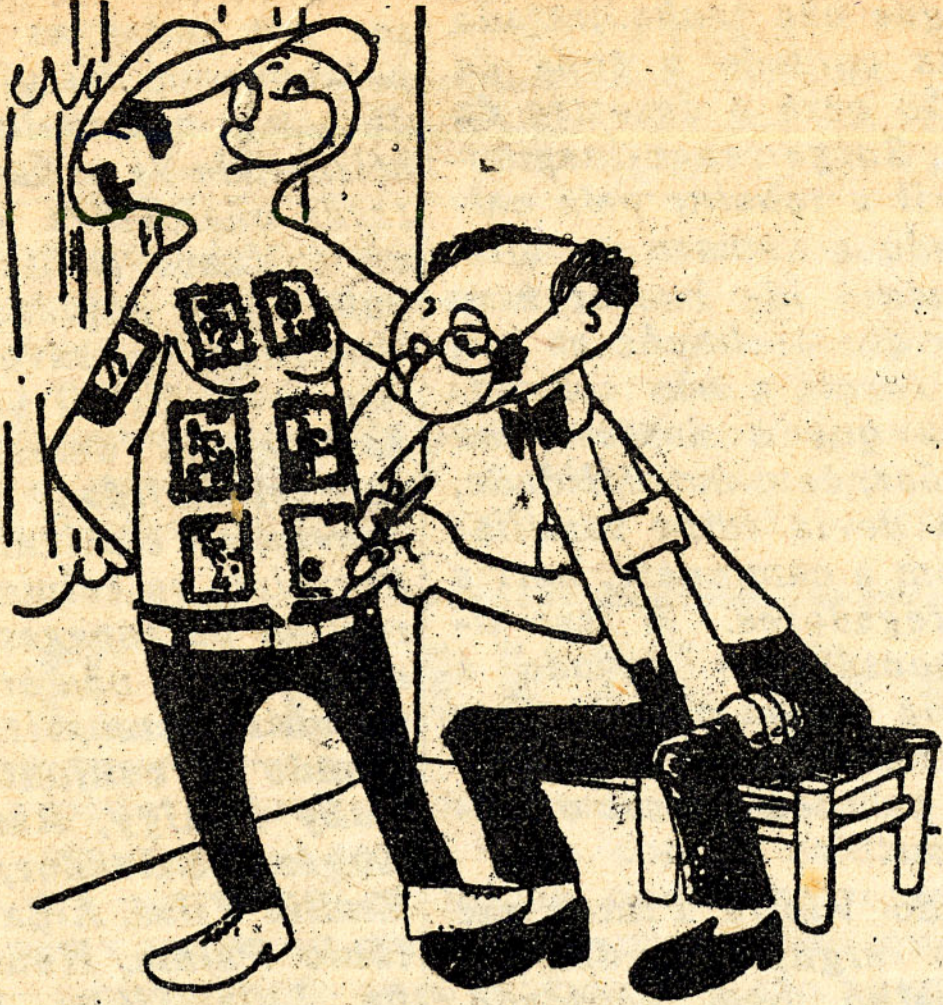
o filme que a crítica e o público unanimemente consagram como a melhor produção portuguesa dos ultimos tempos

Um filme que fala ao coração de todos os portugueses por ser o mais português de todos os filmes

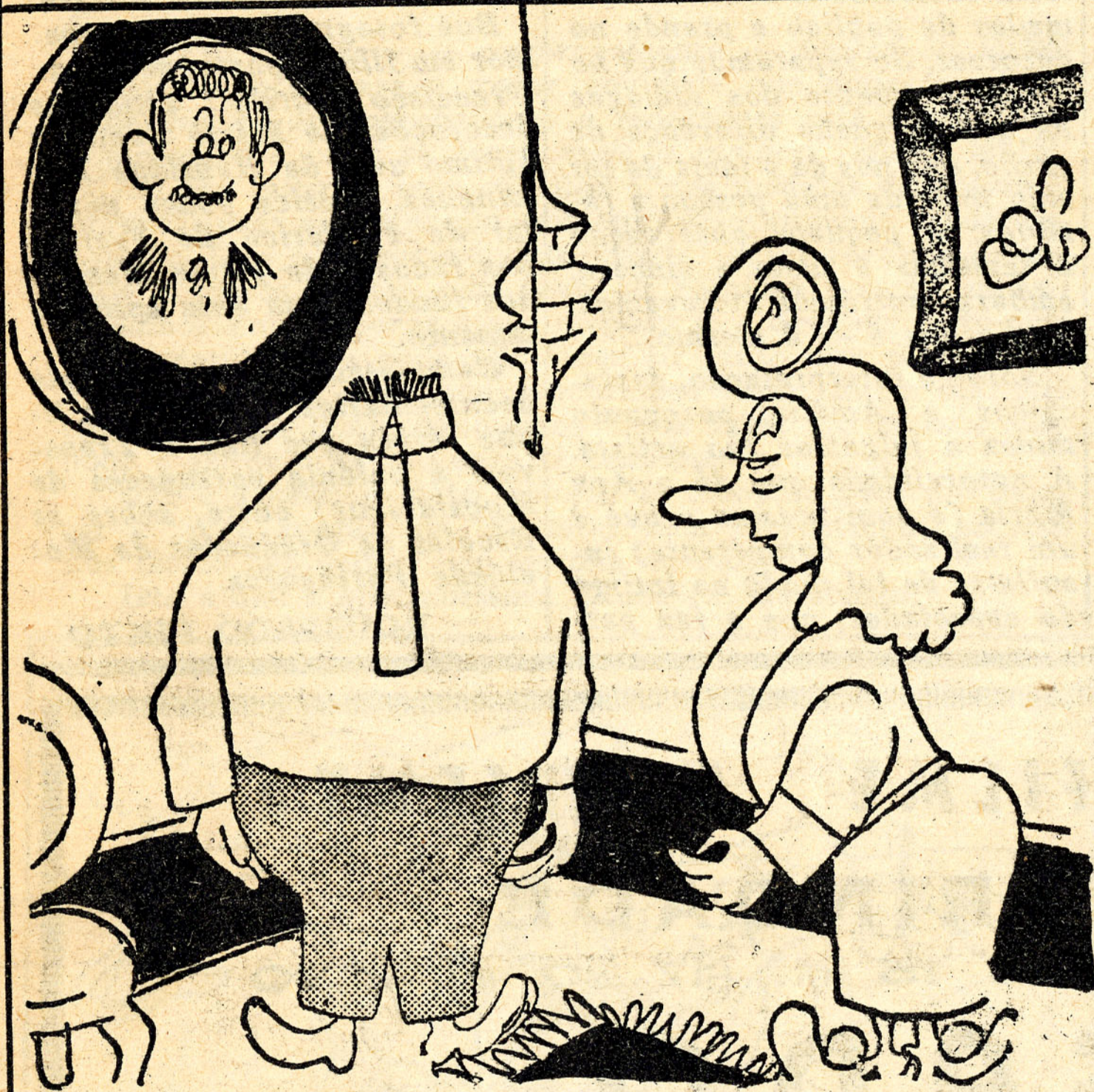
UMA PRODUÇÃO DA
LISBOA FILME

REALIZAÇÃO DE:
PERDIGÃO QUEIROGA

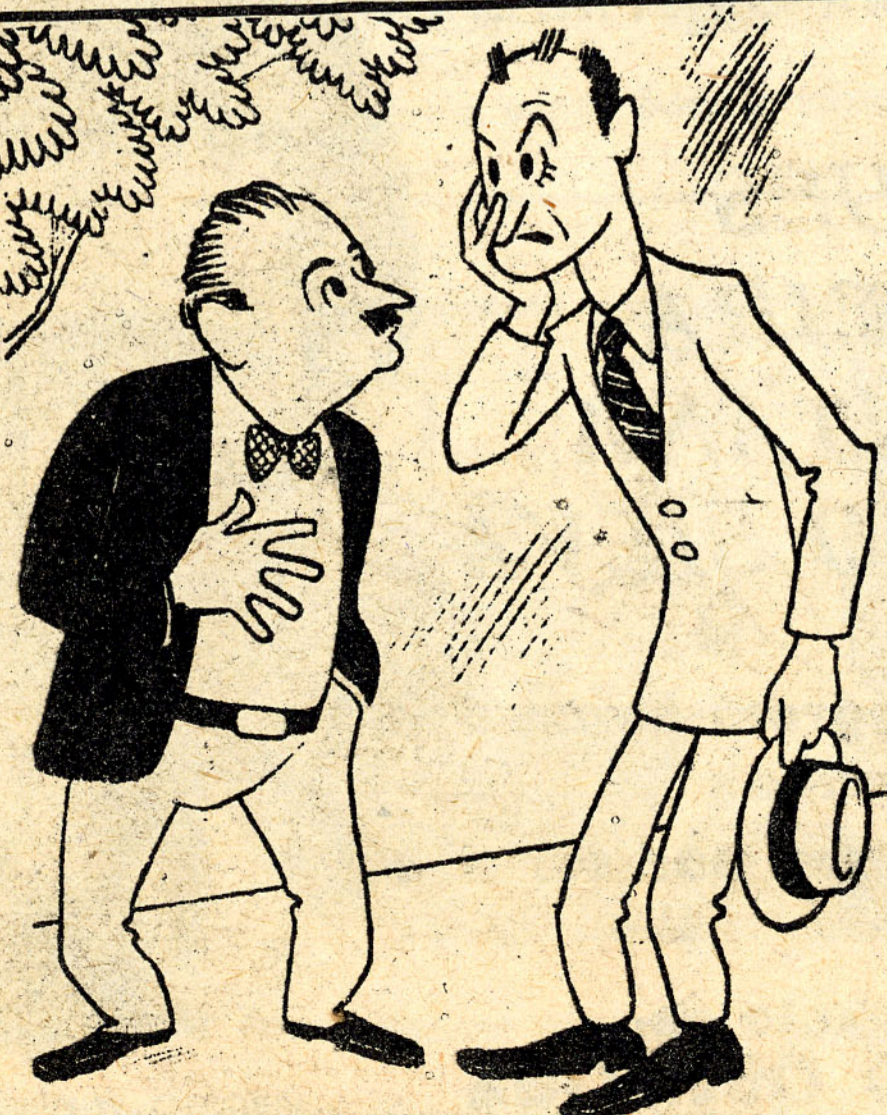
Quem pregou uma bofetada a SIR JAMES W. PETER?



— O filatelético tatua-se.



— Não sei como tens tanta afeição a que te façam estreitas as camisas.



— Estou furioso! Venho agora mesmo do dentista.
— Que te arrancou ele?
— Cinquenta mil réis.

A Sir James W. Peter, de 55 anos de idade, de estado viuvo e comerciante de profissão, acabam de dar uma bofetada em casa da Baronesa Cecília.

Quem é que pregou uma bofetada a Sir James W. Peter?

No domicílio da Baronesa Cecília hó haviam duas pessoas com Peter, tomando chá: a própria Baronesa Cecília e sua mãe, a Condessa Justa, senhora muito respeitável e das quais, pela sua categoria e educação esmeradíssima, não é possível suspeitar que fossem capazes de pregar uma bofetada a Sir James W. Peter, sendo, como era, seu convidado.

Quem é que pregou, então, uma bofetada a Sir James W. Peter?

O mordomo John, no momento em que isto ocorreu, estava em Filadelfia com os seus irmãos, celebrando o baptizado do filho de um deles, preciosa criança de dezasséis anos. Irene, a cosinheira negra, estava a dançar no Clube das Cosinheiras Negras, nos arrabaldes da cidade. Michael, o criado francês tinha-se deitado há pouco e morrido pouco depois. Biel, o cão, estava no jardim com uns amigos que tinham vindo da província.

Quem pregou, portanto, uma bofetada a Sir James W. Peter?

Pois bem, é hora de confessá-lo: Eu!

Fui eu que lhe dei a bofetada, porque me era terrivelmente antipático, porque se sentava em cima das mesas e, sobretudo, porque estava terrivelmente enamorado da Baronesa Cecília com a qual «flirtava» a cada momento.

E, esta noite, aproveitando um descuido da governanta, entrei pela janela silenciosamente, acerquei-me do grupo formado por Sir James W. Peter, a Baronesa e sua mãe e preguei uma bofetada a Sir James. Depois arrependido da minha acção covarde, atirei-me ao Hudson, de cujo fundo escrevo estas linhas que têm o valor duma confissão. Perdoai-me

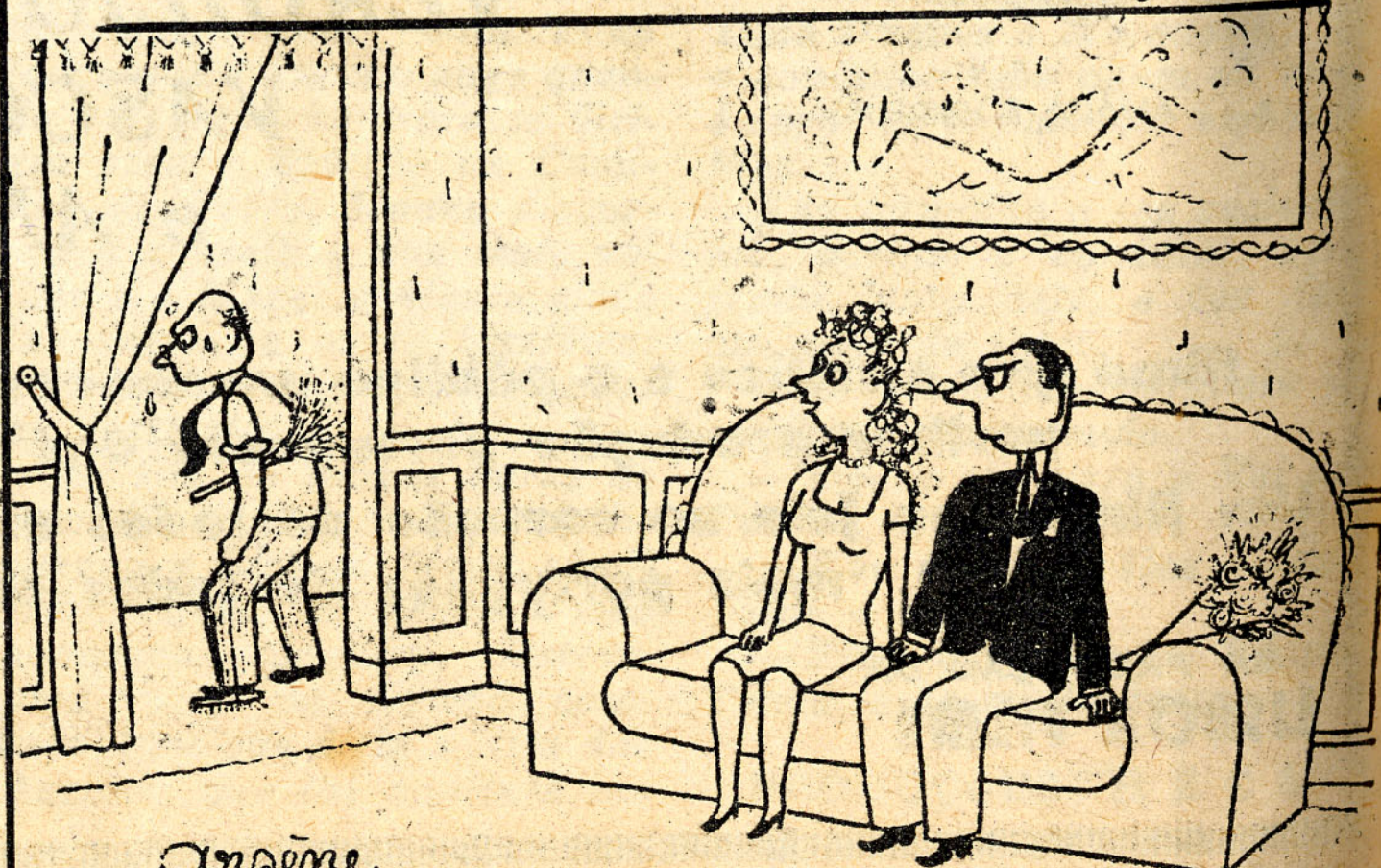
GUSTAVO

Que grande coração o de Gustavo! Para que as suspeitas não caíssem sobre mim e, para salvar-me, acusa-se dum acto vergonhoso que só eu cometi. Eu e só eu fui quem pregou a bofetada a Sir James W. Peter. Só eu sou a culpada. Perdoai-me todos.

BARONESA CECÍLIA

Formoso coração de filha! Nobre alma! Para salvar-me e para que sobre mim não caia o peso da justiça acusa-se de ter pregado uma bofetada a Sir James W. Peter, quando o certo é que fui eu quem lhe deu a bofetada porque, involuntariamente me entornou um pouco de chá sobre o vestido. Que estas linhas sirvam de confissão e que a sociedade me perdõe. Vou envenenar-me com cicuta.

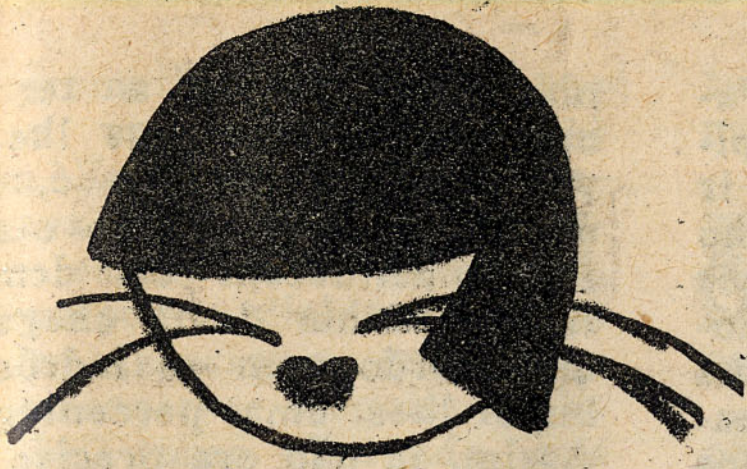
CONDESSA JUSTA



Condessa

— NÃO ACHA O PAZINHO UM BOM DONO DE CASA?..

GRETA GARBO



Greta. Fatschofgsun — que é este o seu verdadeiro nome — nasceu na Suécia, quando tinha catorze anos. Pelo menos até esta idade não foi inscrita no julgado municipal numero 7 de Helsingfors, pois Greta, demasiadamente tímida, já então se escondia, logo depois de nascer, debaixo das camas, nos armários, entre os trastes velhos do sótão, nos baús... Os pais de Greta, muito inquietos por terem uma filha, que nem sequer sabiam como era, gastaram toda a sua fortuna contratando os melhores detectives londrinos para a localizarem. Por fim, depois de larguíssimos anos de pesquisas incessantes, encontraram Greta na despensa, detrás dum saco de batatas.

Graças ás visitas que seu pai recebia todos os domingos, Greta acostumou-se a ver gente sem sair de casa. Como todo o dinheiro que seus pais tinham o haviam levado os membros da Scotland Yard, na sua casa não havia nem uma «gufsen» — que é como chamam na Suécia aos escudos — Greta foi trabalhar para uma casa que vendia vestidos vindos de Paris. Ali estava contentíssima, pois a sua missão era provar os vestidos que chegavam de Paris, e não fazia mais nada. Então entrou no seu coração pela porta de serviço da amizade — um homem enérgico e decidido: Nicéforo Stiller, Nicéforo, adi-

vinhando que esta mulher altíssima e delgada, com rosto de tuberculosa diplomada e de pés planos, poderia fazer feliz com as suas interpretações cinematográficas os merceeiros, maiores de quarenta e cinco anos, levou-a a Hollywood, prometendo-lhe filetes de salmone e batatas fritas.

Em Hollywood, Greta aborrece-se muito, ao ver que tinha que trabalhar debaixo de uns focos muito molestos, para poder comer. Mas, então, ocorreu a Samuel Goldwyn — director naquela época da «Metro» — encená-la com John Gilbert, e Greta disse — que bom! Seus êxitos cinematográficos estão na recordação de todos os que têm mais de sessenta anos, e basta recordar os seus filmes «Mefistófeles e o tecido adiposo», «Entre Boianos», «Analfabeta languida», «A Dama dos Camelos» e «Tomás no Circo», para evocar uma época gloriosa da sétima arte.

Gorda e velha, apenas interpreta na actualidade um ou outro papel de avó bondosa, que dá sábios conselhos aos seus netos — já maiores — que acabam de ser apresentados á Sociedade. Sem embargo, apesar dos seus cento e oito anos, ainda conserva suficiente agilidade e corre como nos seus melhores tempos cada vez que um jornalista pretende fazer-lhe uma entrevista ou perguntar-lhe dados sobre a guerra dos boers.

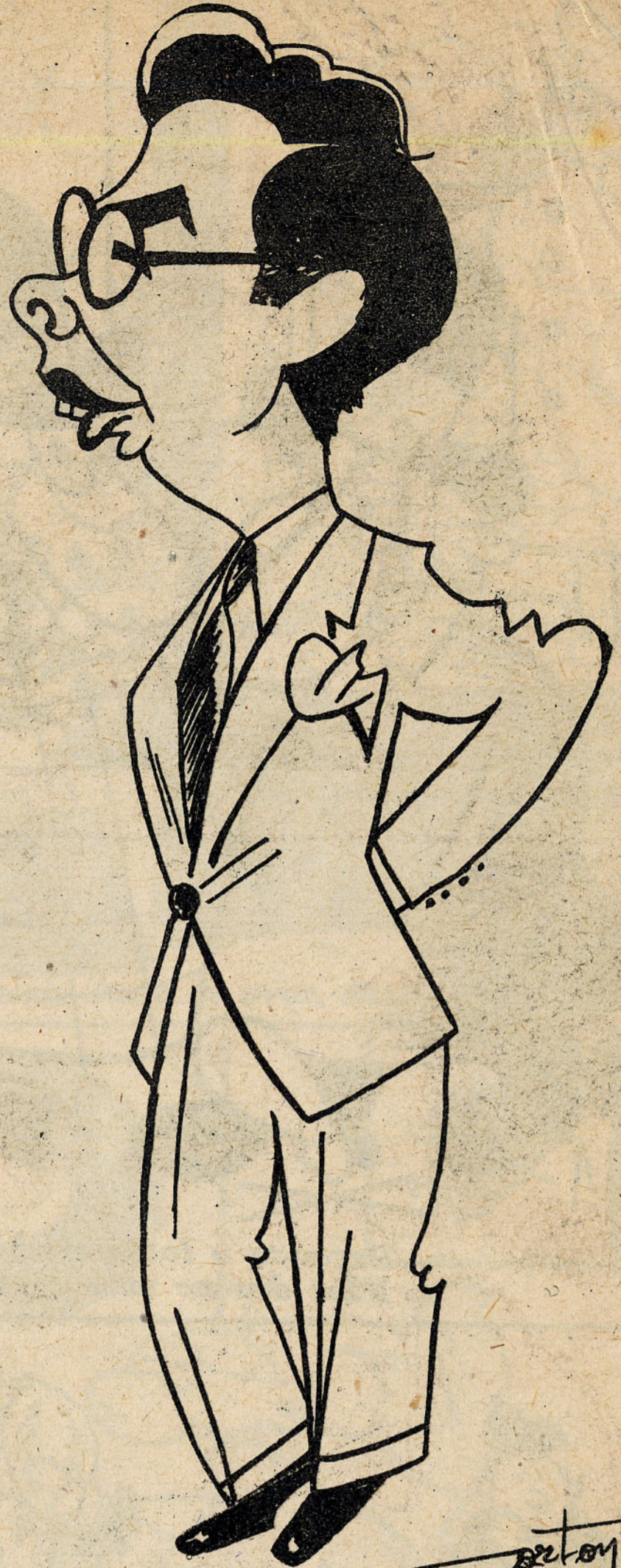
A sua distracção favorita é ler folhetins junto da sua mesa camiliana e tomar copos de vinho do Porto.

MARIO NORTON



— Sim, o meu marido é velho, mas está bem conservado...

A Caricatura da Semana



FRANCISCO RIBEIRO

Uma interpretação de MARIO NORTON
(Reprodução proibida)



— LEVE-ME JÁ ESTA BANHEIRA! AQUELA QUE EU ESCOLHI NO CATALOGO, TINHA LA DENTRO UMA LOIRA...

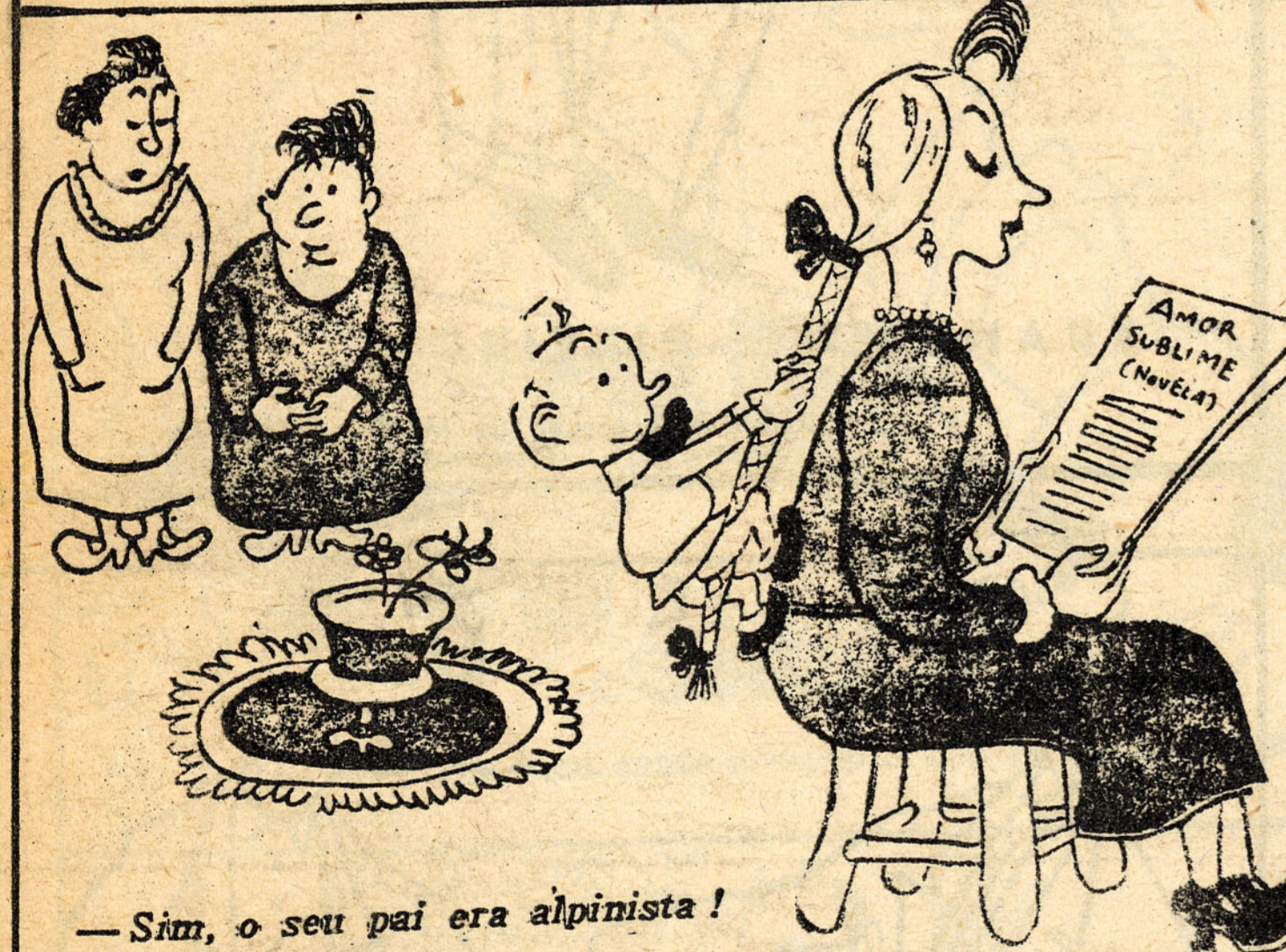
VIAJAR EM COMBOIO

por W. FERNANDEZ FLOREZ

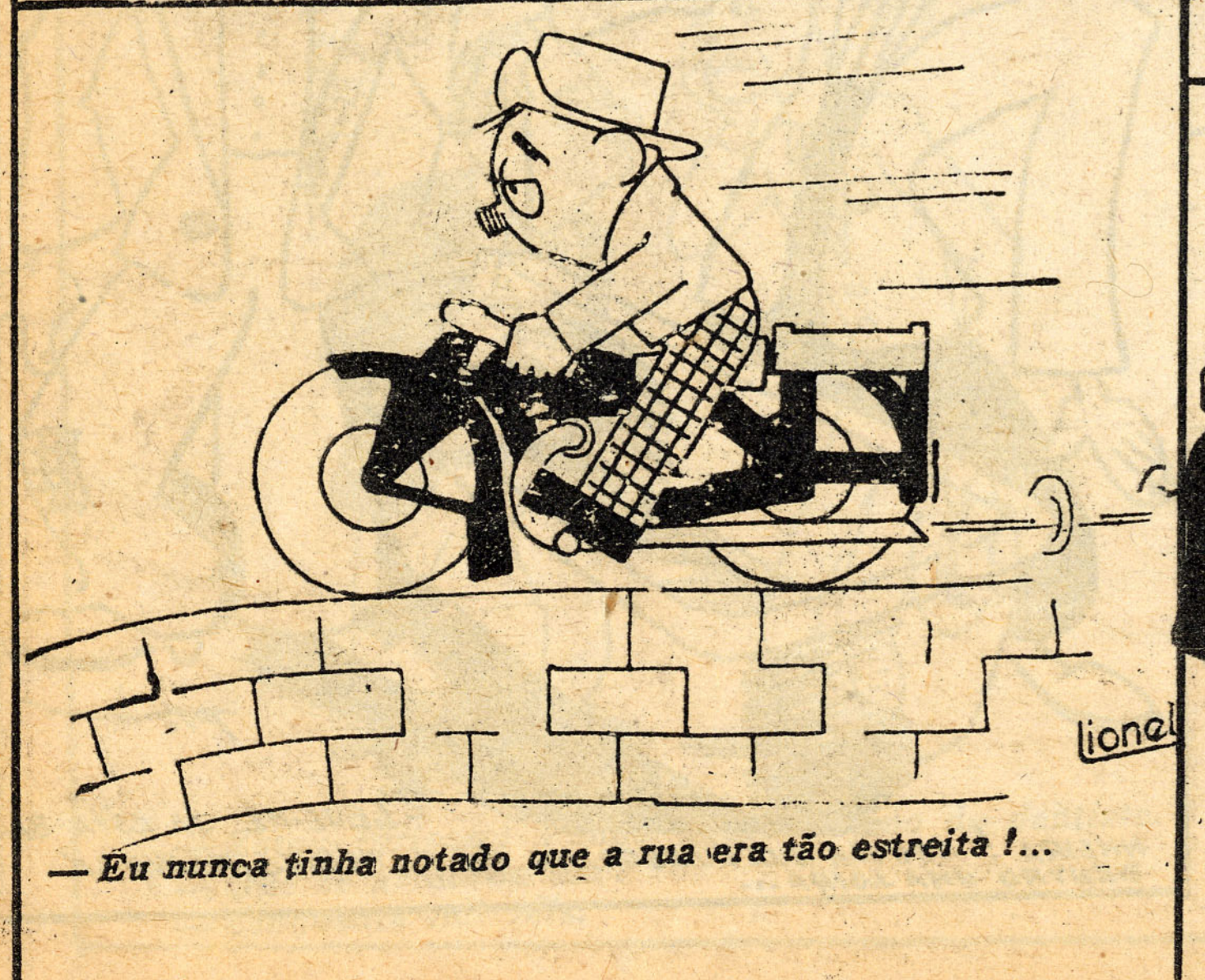


MATAMALA

— Pagou-te o fotógrafo?
— Não; deu-me uma negativa!



— Sim, o seu pai era alpinista!



— Eu nunca tinha notado que a rua era tão estreita!...

Eu detesto o combóio. Parece-me uma invenção estúpida e atrasada. O facto de ir sempre pelo mesmo caminho é uma prova da mesquinhez dos seus recursos de locomoção. Se o fumo da máquina não fosse pintado caprichosamente de negro no rosto dos viajantes todos acabariam por morrer de tédio dentro das carruagens.

Nesta aversão minha, não influi o repetido e inconcebível aumento das tarifas ferroviárias. É impossível que uma viagem em combóio custe, agora, o mesmo que há 15 anos. As circunstâncias variaram muito. Uma viagem que dantes durava dez horas, dura hoje quinze. O viajante passa, portanto, cinco horas mais na carruagem. Pode objectar-se que isto não constitui vantagem para qualquer a não ser para os percevejos que têm as suas vítimas mais tempo à sua disposição. Em contrapartida o viajante vingá-se gastando mais sete ou oito horas dentro da carruagem, pois, desse modo, se não as gastasse, ali, teria de ir para o café, percorreria a cidade de automóvel, meter-se-ia num «dancing» e tudo isso custa dinheiro. Dentro da carruagem o passageiro não pode gastar meio tostão.

Sobre todas estas considerações existem outras verdadeiramente decisivas que bastam para dissipar quaisquer escrúpulos contra a elevação das tarifas. O menos é o dinheiro do bilhete; o importante é o dinheiro que nos roubam os ladrões, cada vez mais numerosos, que viajam também. O senhor paga um tanto para viajar. Primeiro, apresenta-se o revisor que lhe pede o bilhete e, depois, os ladrões que lhe pedem a carteira. Imediatamente, o senhor deixa de pensar nas tantas notas que deu à compa-

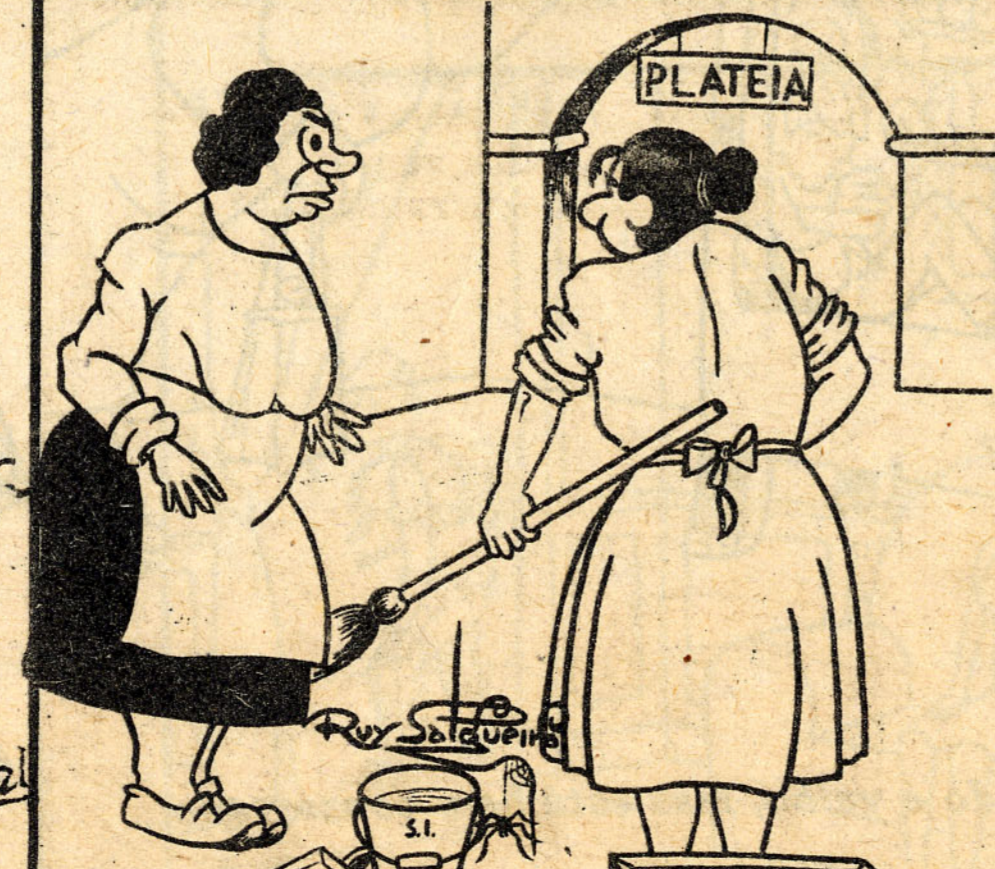
nhia para passar a ter em mente a carteira que lhe levaram. Este despojo é, sem dúvida, o mais alusivo e ante ele empalidecem os demais. A companhia devia chegar a um acordo com os ladrões e impor-lhes uma percentagem. Assim, já não era preciso aumentar as tarifas.

No final duma viagem pensa-se invariavelmente:

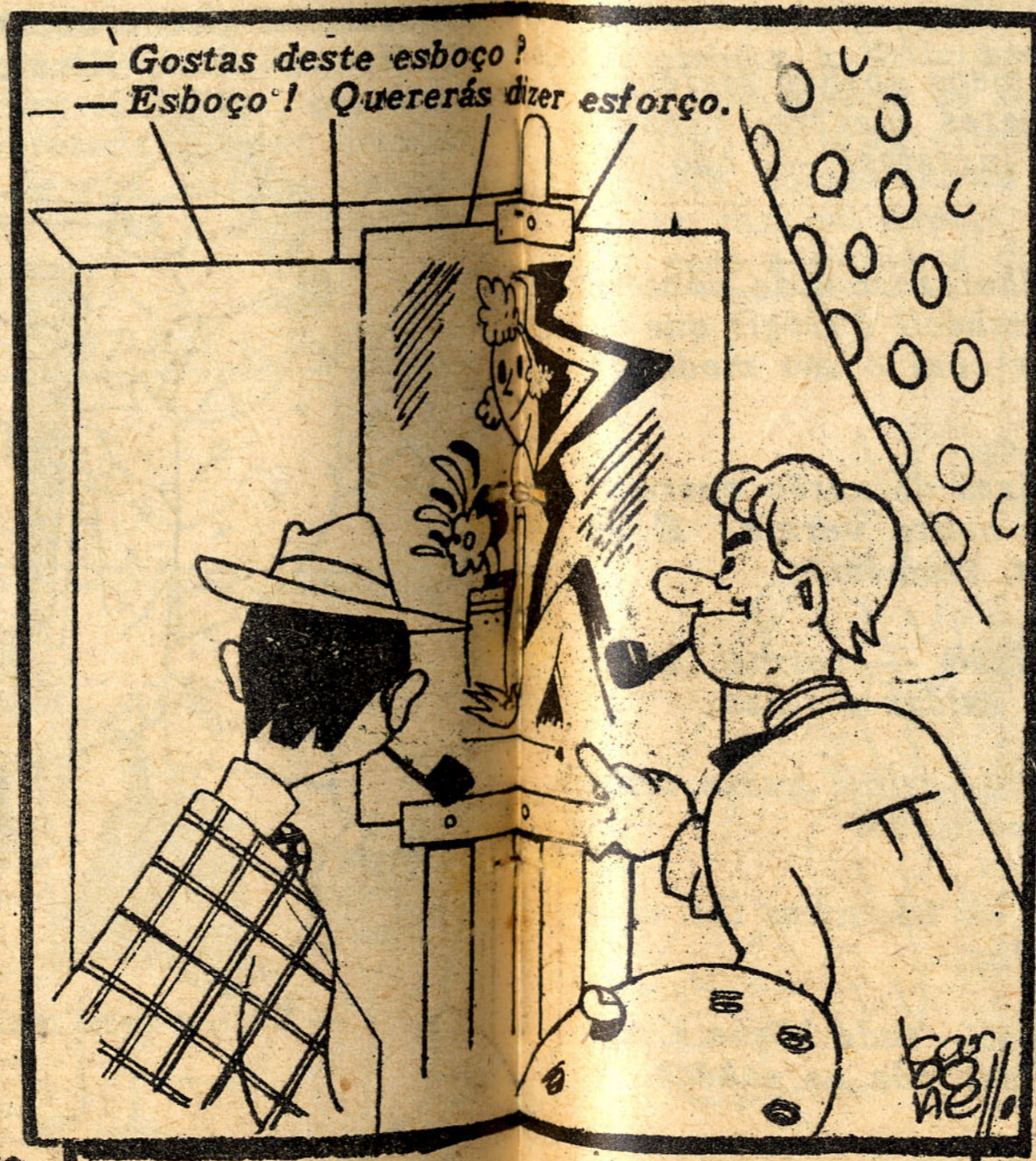
— Ocorreram-me muitas coisas por bem pouco dinheiro: viajei horas inumeráveis; passei num tunel onde ia morrendo por asfixia com o fumo, aquele cheiro a pneumáticos, a sapatos velhos, a verniz e a criosota; visitaram-me três ladrões e estou certo de que a navalha com que me assassinaram ficou com bocas e agora terão de voltar a afiá-la se quiserem matar mais alguém. Agora trabalharão a polícia, os jornalistas, os juizes... Tudo pelo preço do bilhete é quase de graça!

Reconheço que nem tudo é fastidioso numa viagem de combóio. As janelas das carruagens podem constituir, sem dúvida, um motivo de entretenimento.

Noventa e nove por cento das janelas dos nossos combóios não se podem abrir... Referiram-me o caso dum senhor que numa viagem da Coruña a Monforte começou a lutar com a janela que lhe correspondia. Puxou, empurrou, sacudiu, golpeou, pôs-se em cima do banco, atirou-se ao chão, agarrado à correia... Tudo inútil. Assim chegou ao término da sua viagem. Mas, o seu amor próprio estava



— A família já não quer saber de mim, depois que entrei para esta vida de teatro.



— Gostas deste esboço?
— Esboço! Quererás dizer esforço.

comprometido, de modo que pagou um novo bilhete até León. Em León a janela continuava hermética. O passageiro seguiu até Valladolid. Começou a dialogar com a janela; injuriou-a gravemente, ameaçou-a, depois suplicou-lhe, quase chorando, que se abrisse um pouco, nem que fosse só metade para que ambos ficassem triunfadores... Apesar de ser honrosa a transacção proposta, a janela não aceitou. Não sei se ele deu a volta ao mundo.

Há, algo muito pior do que o combóio, é a convivência obrigatória com as pessoas que vão na mesma carruagem. Para um homem nervoso, isto, constitui um intolerável suplício. Recordo que uma vez, em certa viagem, sentou-se frente a mim um cavalheiro de aspecto distinto. Vestia um fato cinzento; acomodou as suas malas e cumprimentou, amavelmente. Ao cabo de dez minutos de viagem, cansado de contemplar a paisagem horrível, não tive outro remédio senão mirar o meu companheiro. Fornecido de um rosto vulgar, desses que parecem ter sido tiradas dezenas de edições, pareceu-me conhecê-lo de qualquer parte. Como ele podia reparar que eu o estava fitando, olhei para o lado para ser ele desta vez a olhar para mim. A nossa situação era um pouco embaraçosa. Felizmente, o meu companheiro de carruagem começou a ler um livro «O segredo do fiacre n.º 13» e a violência das nossas ati-

tudes aliviou-se consideravelmente.

Passado algum tempo, o homem ofereceu-me um cigarro. Oferecer um cigarro no combóio quer dizer: «Sinto necessidade de que falemos».

Recusei o obséquio mas não pude evitar o interrogatório:

— Vai para muito longe?
— Assim, assim — contestei.

— O senhor é daqui?
— Um pouco mais para lá — disse, finalmente.

— Muito para lá?
— Entre lá e acolá — esclareci.

— Ah! — exclamou ele. — Tenho três amigos que viajam menos — respondi comunicativamente.

— E viaja muito? Algum tempo depois, uma partícula de carvão foi depositar-se-lhe num dos olhos. Tentei acudir-lhe em seu auxílio mas como ele não abria os olhos tive de lhe arrancar todas as pestanas.

Desceu em Venta de Baños. Um casal com seis filhos invadiu o compartimento.

Os pequenos quiseram ir, primeiramente, em pé sobre os bancos, depois de baixo deles e, por ultimo, na rede das malas. Gritaram e choraram.

Um dos rapazinhos deu-me um encontrão e pisou-me, tendo-me tirado o lugar à janela. Foi enegrecendo tanto com o fumo que não sei como os pais o reconheciam. Ao passar por uma ponte caiu ao rio. Não é verdade, como chegou a afirmar a sua mãe, que eu o tivesse empurrado de propósito. As mães exageram muito. Eu apenas disse, com sinceridade e com o virtuoso desejo de a consolar, que o pequeno estava tão sujo quando caiu, que já não podia servir para nada.

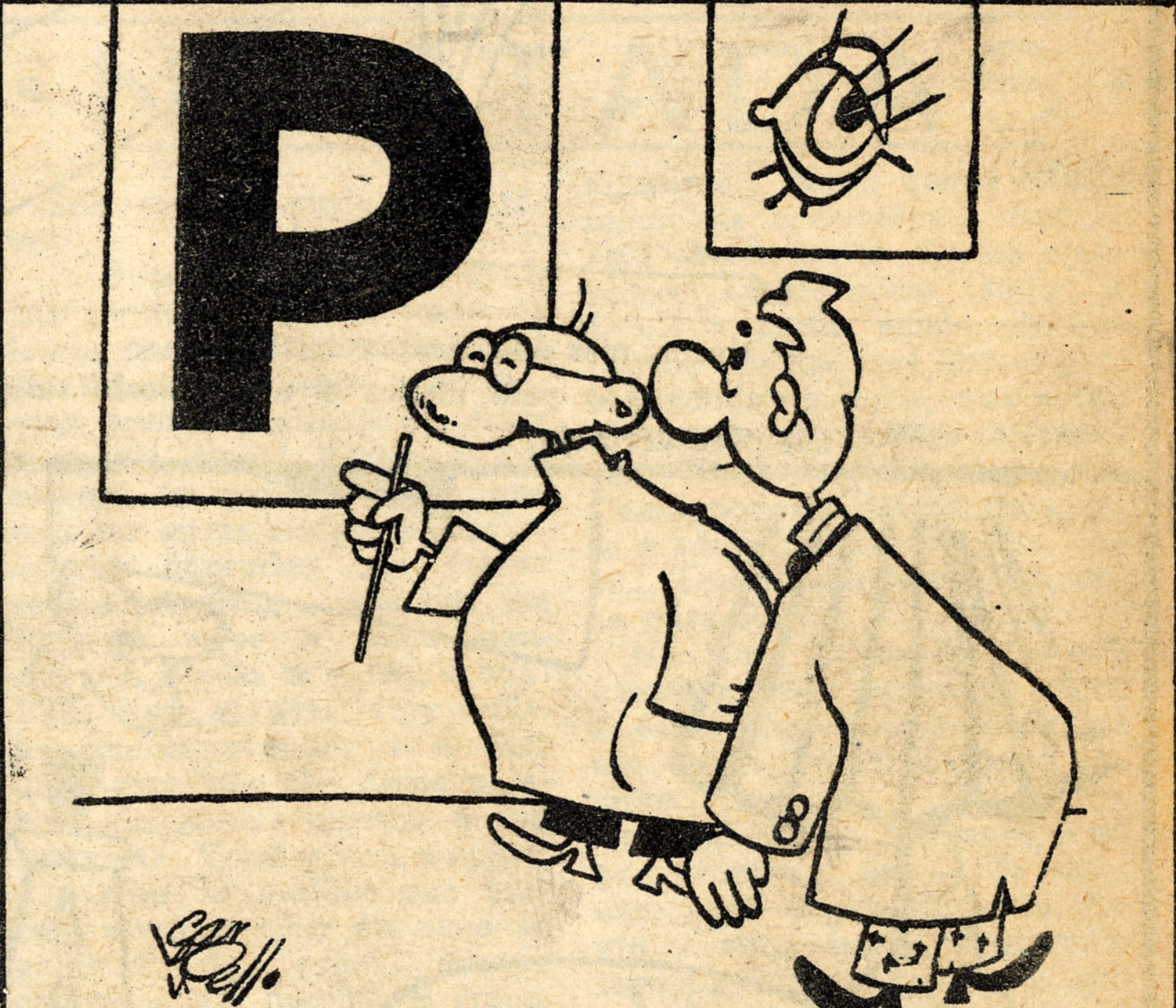
Parece que a mãe não se conformou com esta opinião. Mas o seu marido felicitou-me, depois, na gare.



— O senhor é um homem de sorte. Em lugar de lhe encontrar pedra, veja o senhor o que lhe encontramos nos rins!...



— «Dê-me meia dúzia de ovos, destes aqui debaixo».



— Pois se não vê este éme, é porque o senhor é mais miopo que... nem sei dizer-lhe.

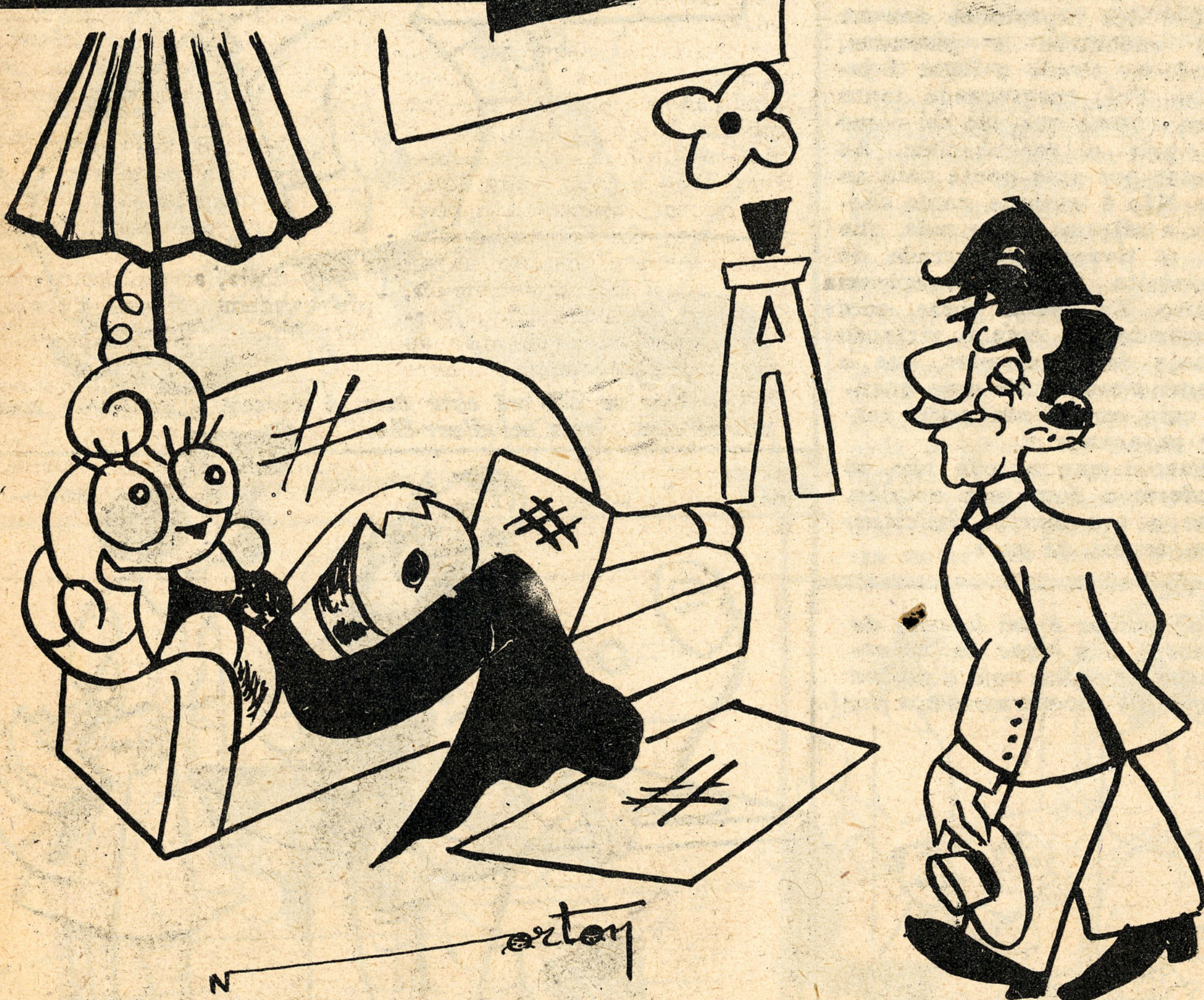


— E a menina tem alguma carreira?
— Sim, senhor. Tenho uma; mas não quero que ninguém o saiba. — Mas, por quê?
— Porque a tenho numa meia.

Dois bonecos de MÁRIO NORTON



— Março, mês dos casamentos.
— Bom, mas pelo menos é um consolo saber que restam onze para divórcio.



— Os meus vizinhos dizem que tenho uma língua muito suja, será alguma coisa de gravidade?

RISO AMARELO

por RAUL DA COSTA

A melhor companheira é a carteira recheada.

Os enfatuados julgam disfrutar uma vida superior, quando, afinal, é a vaidade que os faz impar.

Resignação — companheira fiel dos maridos infelizes.

Dançar é andar léguas sem ir para muito longe.

Os inventores são sábios? Mas costuma dizer-se que, quem não sabe, inventa.

A curiosidade perde as mulheres; e a ignorância, os homens.

E' bom termos alguns defeitos, para contentamento dos nossos inimigos.

Carga — uma coisa que se deita para cima dos outros.

Isto de se dizer que os homens se conhecem pela gravata é uma injustiça que se faz áqueles que usam laço.

Há pessoas que, á força de quererem ser agradáveis, acabam por desagradar.

Carteira — o coração do homem de negócios.

As feras devem ser admiradas através de grades. Fora destas, são suportadas pela força das circunstancias.

O verdadeiro riso não conhece talas.

Domesticar — moldar á nossa maneira.

Atropelar — uma das formas mais adoptadas para vencer na vida.

Os homens gordos preferem as mulheres magras, e estas — que ingratas! — não os toleram.

A melhor forma de contentar um imbecil é fingir que se concorda com o seu modo de ver.

As caixas de xarão querem-se com muito verniz. E as mulheres, também.

Ingratidão — forma mais usada de saldar dívidas.

Calote — crime quase sempre premeditado.

Sogra — há quem lhe chame rodilha.

Chapeu — tudo o que a mulher quizer pôr na cabeça.

TEATRO RELAMPAGO

MULHERES DE TRABALHO

por AMÉRICO JOSÉ GÍRIO

Personagens — Uma mulher a dias, uma patroa, e o mais que for necessário ao autor, meter na peça, para conseguir endoidecer os leitores.

Pin-up-girls — Tadinhas, tão magrinhas!...

Boys — Muitos, muitos, muitos. Ena, tantos!

Guarda-roupa da casa Gammanço e Companhia Ilimitada, com sede na casa de repouso do Limoeiro e agentes em todas as plataformas dos carros eléctricos.

Ponto — Eu, o autor, e creiam que fica muito bem entregue...

O pano começa a subir muito antes da hora marcada para o início do espectáculo, mas quando vai em meio, nota-se a ausência de espectadores, dá-lhe um ataque de soluços e cai desmaiado no palco.

Passados dois meses ouvem-se as pancadas de Molière anunciando o início do espectáculo e o pano sobe agarrado às paredes, com receio de cair novamente.

I ACTO

A cena tresanda, perdão, a cena representa um «bar» que tresanda a sogra por todos os lados. Pela janela escancarada divisam-se ao longe os montes da Cirenaica, mais perto um elefante a lavar os pés e a cantar a Balalaika.

É tanta a porcaria acumulada em todas as dependências, que os espectadores, embora munidos de binóculos de grande potência, só a muito custo descobrem não se tratar duma estrumeira.

Ouve-se o toque de uma campainha e, volvidos segundos, uma espécie de ser humano com cara de drogaria ambulante encaminha-se para a porta, mas só depois de afastar com a biqueira do sapato

a bicharada existente junto da mesma consegue abri-la.

Mulher a dias — E' aqui «carreside» a senhora Iligiénica Branquinha?

Patroa — E' sim, menina; sou eu mesma. Faça favor de dizer depressa o que deseja, quando não as malditas das moscas entram-me por aqui dentro e deixam-me a casa numa lástima...

Mulher a dias — Sou a pessoa que V. Ex.^a mandou chamar para fazer a limpeza.

Patroa — Ah, muito bem! Faça favor de entrar. Veio antes da hora! Ainda falta um quarto para as nove.

Mulher a dias (enquanto vai tirando o casaco) — Não tem importancia, minha senhora. Sabe? Eu adoro o trabalho; é por isso que apareço sempre um bocadinho mais cedo em casa das senhoras para onde costume vir trabalhar...

Patroa — A verdade diga-se: logo que abri a porta e encarei consigo, disse logo cá para mim: Tem mesmo cara de trabalhadeira, benza-a Deus.

Mulher a dias — A senhora necessita de mim todo o dia ou só meio?

Patroa — Só meio dia chega. A casinha agora, como está vendo, está limpinha...

Mulher a dias — Não acha que é melhor começar-se pela sala de espera?

Patroa — Não! Essa que espere. Comecemos antes pelo...

Mulher a dias — ... corredor?

Patroa — Nada disso! Pelo... almoço, é o que eu queria dizer. Estas limpezas, só de falar nelas, estafam-me. Ó Maria, traga daí o garrafão!... Livro! Estou derreada!...

O pano esfarrapa-se de alegria, ao ver que a peça terminou; desce cheio de vergonha, desata a correr até á taberna e apanha uma grandessíssima cegonha.



CAEIRO DA MATA, visto por Mário Norton (Reprodução proibida)

• NORTADAS •

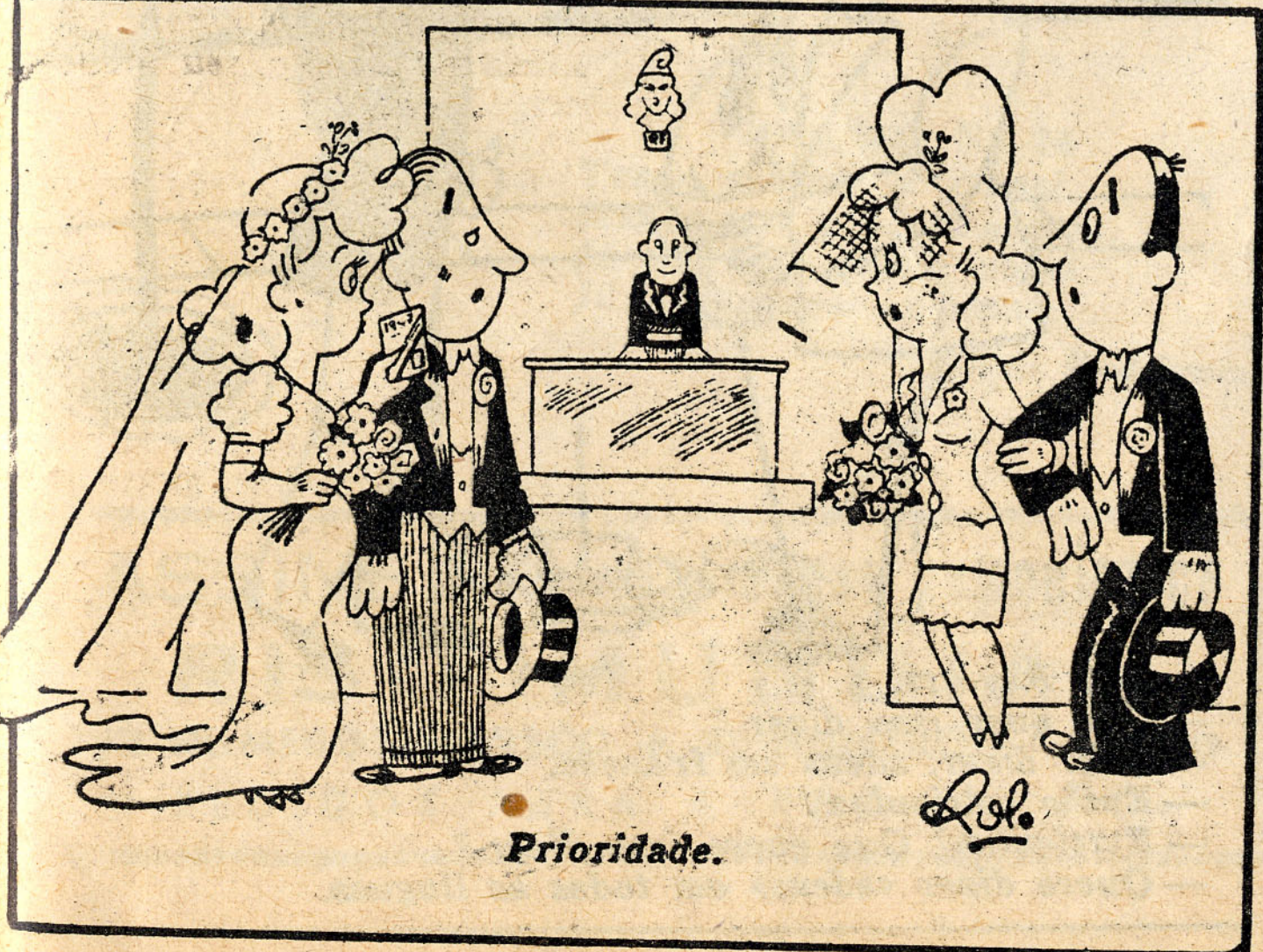
«Ma chérie»... Sou um romantico incurável!

Já alimentei sonhos... muitos sonhos... mas o vento os levou para muito longe... Logo depois de um sorriso... uma grande desilusão!... Azar meu, sei disso! Agora, é um pedaço de papel branco que traz em letras silenciosas afirmações douradas que talvez sejam mentiras... mas que me importa «que a mula manque». A ilusão às vezes, é boa! Bem disse alguém: «my doll». Se queres prender a mulher que amas, não lhe digas palavras de amor: mostra a tua carteira». Você, «mon amour», é o tipo da mulher que prefere ouvir o tinir do ouro ao palpar de «mon pouvre coeur»... O homem é fraco. Fazemos juramentos que não cumprimos... Eis por que, neste momento, leio ansioso a tua perfumada cartinha, repleta de novas carícias e novas

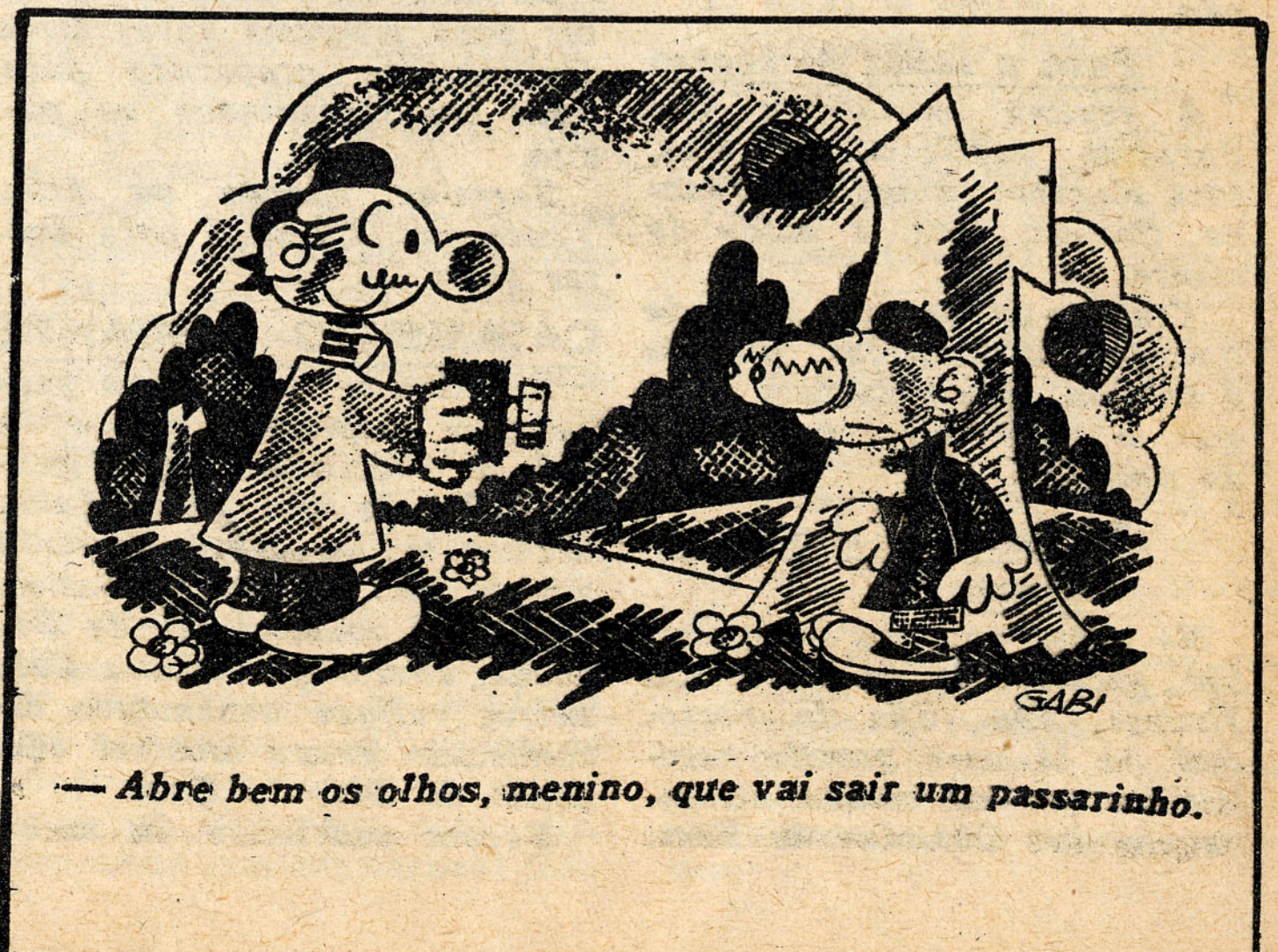
mentiras... Sinto que a minha mocidade refloresce... Enfim, «ma chérie amie», frutos proibidos amadurecem todo o ano... e assim sendo, encontrarei novamente! Estou percebendo, «my doll», que estou perdendo novamente a cabeça... Torno a crer em você... Como poderia deixar de crer, se a adoro... Vivo só para você... como Adão viveu somente para Eva...

No final da sua perfumada cartinha, você pergunta o que é feito daquela dactilógrafa tão «boa» que trabalhava comigo...

«My doll», as mulheres sempre vencem... depois de «afanar» todo o meu dinheiro, fugiu... sim, fugiu descaradamente... fugiu com todo o sangue frio... e eu nem sequer tentei prendê-la. Nem ás autoridades consegui queixar-me, pois fugi com ela...



Prioridade.



— Abre bem os olhos, menino, que vai sair um passarinho.

PÁGINA FEMININA

por MADAME BUTTERFLY

(«Première» do Instituto de Corte das Chagas)

A moda no Verão de 1948

A grande novidade para o próximo Verão é a saia com ventiladores a toda a roda.

O conhecido costureiro parisiense Mr. Jacques Poire acaba de apresentar nas corridas de Longchamp, alguns modelos encantadores, que entusiasmarão não só a assistência como os cavalos premiados.

A inovação dos ventiladores é um verdadeiro achado.

De facto, a moda das saias compridas veio abafar demasiadamente o corpo feminino com manifesto prejuizo da saúde. Não há nada pior do que a falta de ar, pois quem sofre desse mal não pode, de forma nenhuma, pensar em modas.

O modelo que mais furor causou em Longchamp, era de tafetá de riscas amarelas sobre fundo violeta, tendo um decote de metro e meio, debruado com rendas antigas sem direito a trespasse.

A saia era toda em «godets» para camuflar os ventiladores; e a cintura, apertada por uma fita em tecnicolor, exibia vários desenhos animados, os quais, com o andar do modelo, ainda mais se animavam.

Os chapéus que se usam

As plumas foram postas de parte. Agora, só se usam pássaros embalsamados, desde o simpático pardal ao terrível abutre.

Madame Morue, a afamada modista de chapéus da Place Pigale, é a feliz autora de um delicado modelo composto de «écharpes» plissadas, encimado por um cuco que dá horas mas não abre o bico.

Para abrir o bico, bastará a senhora que usar o chapéu...

Para a saída do teatro

A revista parisiense «Le Paradis» publicou, há dias, uma elegante criação de Jeanne Crapot, para a saída do teatro.

Tratava-se de uma capa de linhas aerodinâmicas, pintada à trincha, sem gola nem mangas, e enfeitada com senhas de saída.

Bordado a «Ponto de Cruz»

No nosso país, os «chemins» são, geralmente, de linho. Em França, não. São de ferro. Até há lá uma grande companhia que se chama «Compagnie des Chemins de Fer».

Para tornar mais atraente um «chemin» não há como bordá-lo a «ponto de cruz».

E para o «ponto de cruz» ficar perfeito, deve ser executado por uma pessoa canhota.

Cruzes, canhoto.

CONFIDÊNCIAS

Mafalda Pires — Ribaldeira — O Alfredo rompeu o namoro e foi para o estrangeiro? Não chore, minha boa amiga, que também há-de ir.

Uma sonhadora — Lourinhã — Não perca tempo a olhar para os astros. Feche a janela e vá já para dentro, apanhar malhas!

Beatriz — Alpalhão — Tome cuidado! O seu marido nunca perdoaria se a minha amiguinha lhe arrancasse o bigode. Deixe-se de ciúmeiras e diga a esse pobre diabo que rape a cara, quanto antes...

Leonor — Aljustrel — Para esse género de «tricot», as agulhas de pinheiro são as mais indicadas. Fica o ponto muito miudinho e o trabalho é mais fácil. Limpe bem as agulhas por causa da resina. E quando for buscar a lã, tome cuidado, não vá ficar toquiada.

CULINÁRIA

Pudim instantaneo

Tenho uma receita magnífica que me foi gentilmente cedida pelo Mestre Caldeirão.

Deita-se um quilo de farinha numa tigela. Misturam-se dois ovos de avestruz e um litro de leite de burra, salvo seja. Bate-se na burra, perdão, bate-se muito bem batido, durante dez minutos. Em seguida, adiciona-se meio quilo de fermento em pó.

Vai ao forno e aquilo é limpinho. Num instante, o pudim está pronto.

Ao sair do forno, devemos ter uma máquina fotográfica devidamente preparada para tirar um instantaneo ao pudim.

Serve-se quente ou frio. Tanto faz. Como é para deitar fora...

CASAMENTO ELEGANTE

Realizou-se na semana passada, o auspicioso enlace da sr.^a D. Florinda Matias, gentil filha da sr.^a D. Mafalda Matias e do nosso prezado amigo sr. Serapião Matias, benquisto comerciante de Dalgorda, com o sr. Hilário Carneiro, valioso ornamento do conhecido grupo musical «Os lirius» do Alto do Pina.

Foram padrinhos da noiva

os padrinhos do noivo; e por parte deste, os padrinhos da noiva. Foi o que se chama um casamento muito bem apadrinhado.

Após o nó, foi servido um finissimo copo de água, a deitar por fora, findo o qual se verificou terem desaparecido algumas prendas da «corbeille».

Quem foi, quem não foi, e os felizes nubentes partiram, em missão de serviço, para parte incerta.

A NOSSA ESTANTE

A inspiradíssima poetisa D. Clélia Verde acaba de publicar um livro de versos cor de rosa intitulado «Sinfonia Roxa».

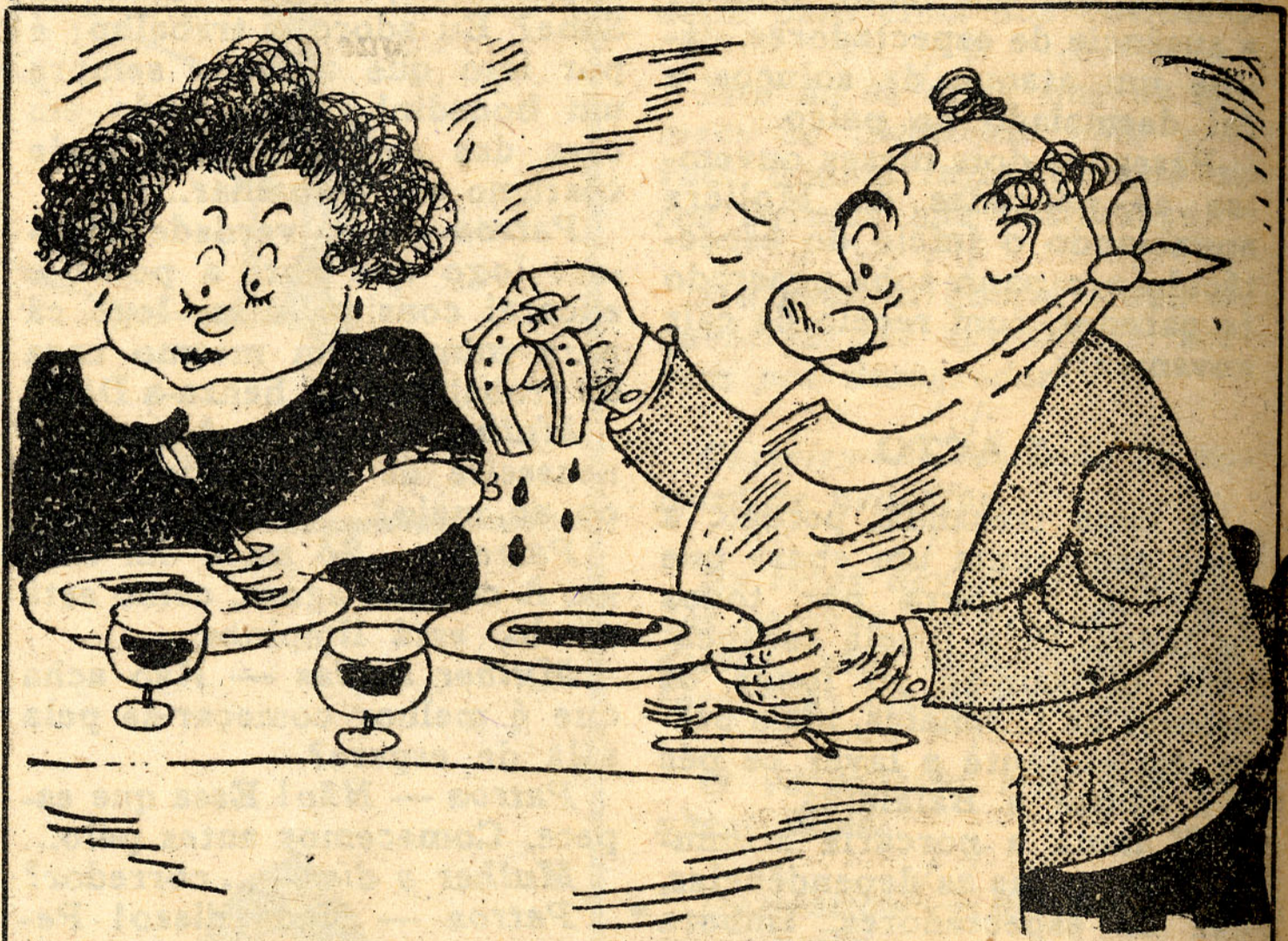
Lemos a colorida obra e ficámos com a impressão de que a autora tem os cabelos pintados e gosta muito dos «passarinhos implumes», das «tristes flores dos caminhos da vida», dos «regatos secos da velhice» e outras amostras de poesia género missanga.

Continue que vai bem.

Esperamos que o próximo livro de D. Clélia Verde venha a ser escrito no Telhal.

Muito obrigado pelo exemplar que a autora caiu na asneira de nos enviar. Oferecer livros? Só de doido!

MADAME BUTTERFLY
(«Première» do Instituto de Corte das Chagas)



— Não sei em que te fundas, Fernando, para dizeres que estes filetes são de carne de cavalo.



— «Au Revoir».
— Que quer isso dizer?
— Quer dizer, adeus em francês.
— Então estriçnina!
— Estriçnina! Que quere isso dizer?
— Quere dizer «adeus» em todas as linguas.

GRANDE CONCURSO DE QUADRAS HUMORISTICAS

PRÉMIOS: 1.º 500\$00 — 2.º 250\$00 — 3.º 150\$00

QUADRA N.º 65

Maria, a saia comprida
Veio-te agora irritar
Outrora, fazias saias
Com um lenço d'assoar...

QUADRA N.º 66

Caiu-te a saia p'ra baixo
Quando dançavas na roda.
Ficou-te a barriga ao léu
Mas puzeste á saia á moda...

QUADRA N.º 67

'stá um marido d'agora
A passar grande tormento:
— Crescendo a saia á mulher,
Minga nele o orçamento...
Alberto H. da Silva

QUADRA N.º 68

Fugi p'ró Sahará, correndo,
Com tanta furia, com tanta...
Que julgaram que eu fugia
Com medo daquela santa!

QUADRA N.º 69

Como estive mui doente
E os doutores por mim aflitos,
Minha muher ganhou tempo
Dando-me um chá... de palitos...
C. A. C. D.

QUADRA N.º 70

Meu filho toca piano,
Minha mulher rabecão
E a minha sogra toca
C'a minha testa no chão.
C. A. C. D.

QUADRA N.º 71

O «Riso» por 10 tostões
De graças, mas nada tolas,
Rebentou-me c'os botões
Das calças e das ceroulas.

QUADRA N.º 72

Bem desejo, mas insana
A sorte sempre me logra,
Ser, durante uma semana,
A sogra da minha sogra.

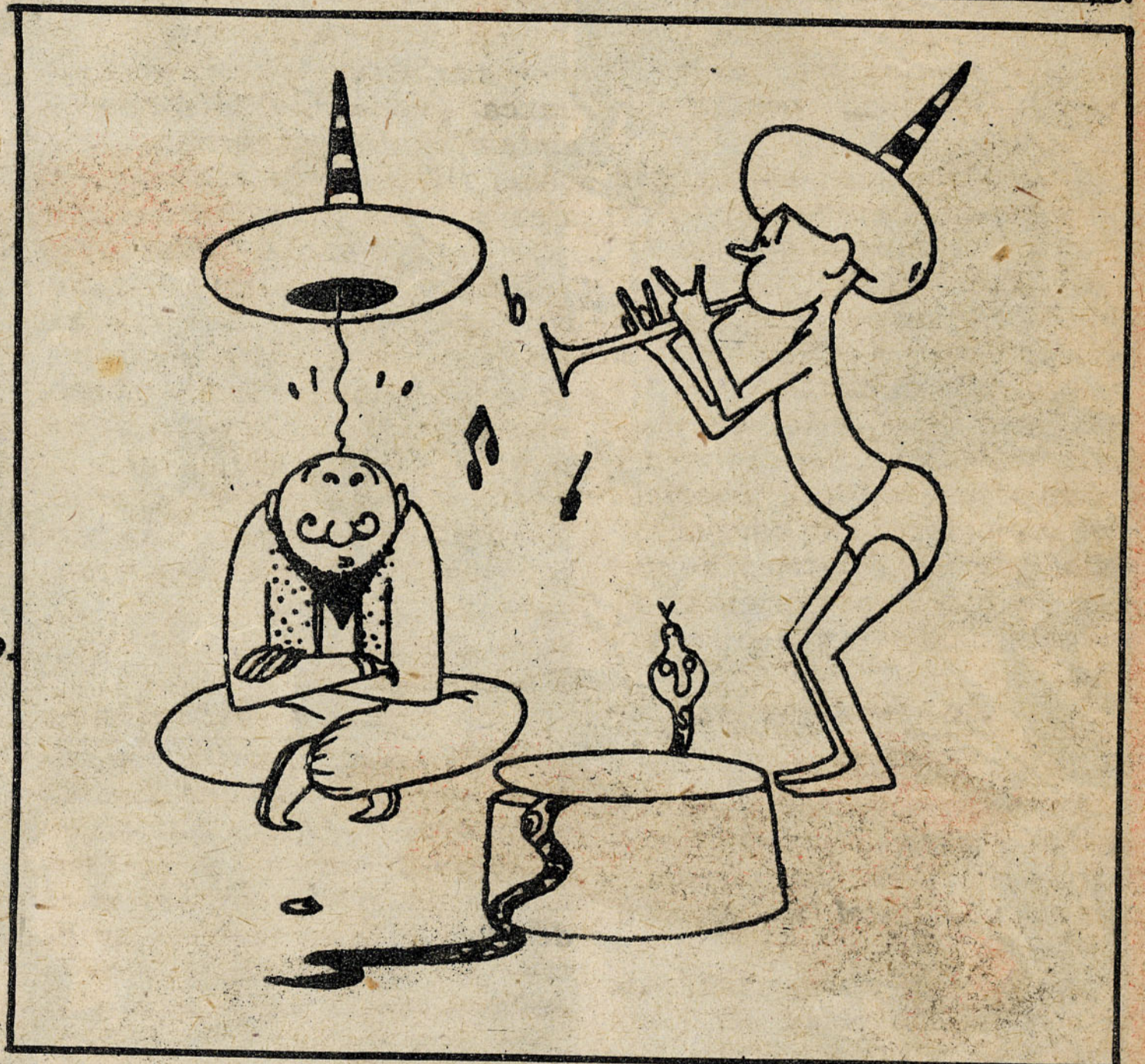
QUADRA N.º 73

Nunca vi, nem posso ver,
De verde cor um camelo;
Mas já lhes quero dizer
Que prefiro vir a sê-lo.

QUADRA N.º 74

Tendo talento a granel,
Mando três quadras apenas,
Já p'ra não gastar papel
Já para poupar as penas.

Jacinto Rodrigues



Aí vai a resposta

António Marques dos Santos — O relato de desafio que o meu amigo nos manda desafia um pouco o nosso género... e é pena, porque você tem muita piada. Faça outra coisa e... Saramago.

Vasco and Vasco — «Piadas Vitaminadas» serão publicadas algumas das mencionadas que não são muito barbadas!

Néné — Querida colaboradora (oxalá a minha «mais que tudo» não tenha a triste ideia de ler hoje esta secção!) parece-me que a conheço! Você não andou, com certeza que não andou! Mas não mora em?... 'E' claro que não! Mas, no que respeita ás anedotas que nos envia... 'E' claro, as anedotas que nos envia, embora sejam japonesas, como diz, têm umas grandes barbas! Não

desanime e escreva sempre!... Mas a Néné não mora... (ai se «ela» lê isto!).

Bernardo de Jesus Ferreira — «Mataram Piperment» será publicado quando houver espaço. 'E' um pouco comprido. Para a próxima já sabel!

Lupus (Braga) — Pode escrever á vontade. Toda a colaboração publicada... é «estilha» desembolsada pelo nosso mui digno administrador!

A. Rubio — Os seus desenhos não são nada maus. A sua publicação depende do director artistico... (veja nota abaixo).

Avisam-se todos os leitores que o original (prosa e verso) deve ser dirigido a Fernando dos Santos (Santos Fernando), e, tudo que se tratar de desenhos a Mário Norton, nosso director artistico.

ASSINE O MELHOR JORNAL HUMORÍSTICO

RISO MUNDIAL

12 NUMEROS — 12\$00 ★ 24 NUMEROS — 24\$00

PEDIDOS PARA A REDACÇÃO

